

• CLIVE D. L. WYNNE

Etologista especializado no comportamento
de cães e seus parentes selvagens

AMÖR CANINÖ

Como e Por Que Seu
Cachorro *Te Ama*



ALTA LIFE
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

Introdução 1

CAPÍTULO 1: Xephos 11

CAPÍTULO 2: O que Torna os Cães Especiais? 45

CAPÍTULO 3: Os Cães Se Importam 73

CAPÍTULO 4: Corpo e Alma 95

CAPÍTULO 5: Origens 129

CAPÍTULO 6: Como os Cães Se Apaixonam 161

CAPÍTULO 7: Os Cães Merecem Coisa Melhor 189

Conclusão 229

Notas 235

Índice 251

XEPHOS

A PRIMEIRA VEZ que vi Xephos, ela parecia muito pequena. Em parte, era só o jeito dela: seu pequeno dorso ficava curvado como uma bola, amedrontada no chão de concreto de sua cela no abrigo para animais da sociedade protetora de animais. Em seu redor, outros cães grandes ficavam pulando dentro das celas, latindo para chamar minha atenção. Mas a pobre Xeph ficava agachada, com medo demais para fazer qualquer coisa além de espreitar, por detrás de sua perna traseira, o visitante desconhecido.

O abrigo estava limpo e o voluntário que me conduzia pelo canil irradiava preocupação pelos seus protegidos caninos — mas, mesmo assim, era difícil não ficar deprimido. A casa de Xephos era um mundo vazio, parecido com uma prisão com barras de metal e superfícies ásperas: uma vastidão barulhenta e indefinida de concreto e ferro. O barulho de seus vizinhos era exaustivo. Eu só queria sair dali e tenho certeza de que Xephos e os outros cães também.

Eu tinha ido àquele abrigo para animais na Flórida do Norte com minha esposa, Ros, e meu filho, Sam, porque eles resolveram me fazer uma “surpresa”, me presenteando com um cachorro no meu aniversário. Usei

aspas porque, inteligentemente, eles me contaram o segredo. Na verdade, ninguém devia surpreender outra pessoa lhe dando um animal vivo de presente, pois a responsabilidade com cuidados com outro ser vivo é enorme. Depois que concordei com a ideia deles, no entanto, Ros e Sam assumiram toda a responsabilidade de encontrar um cachorrinho adequado para mim para que eu tivesse a sensação de estar recebendo um presente.

Em 2012, quando finalmente decidimos adotar, eu já estudava cães cientificamente há vários anos sem realmente ter um em minha casa. Com grandes mudanças internacionais e a paternidade, minha vida parecia ser muito complicada para incluir uma companhia canina nessa mistura. Por mais que, no passado, tivesse adorado partilhar minha casa com um cachorro, eu não achava que seria certo submetê-lo aos nossos horários imprevisíveis e ausências frequentes. Eu não acreditava, e ainda não acredito, que toda vida humana tem um espaço destinado a acomodar um filhote de cachorro.

Mas, no final, ficou claro que minha família podia prontamente acomodar um cão. Além disso, eu mesmo comecei a ficar ansioso por isso. Passar tanto tempo, ao longo dos dias de trabalho, com pessoas e seus cães ou em abrigos para animais vendo tantos cães maravilhosos precisando de um lar, fazia com que fosse estranho voltar para uma casa sem cachorro. Sentindo o meu anseio e também desejosos para ter um cachorro, Ros e Sam tomaram a iniciativa de encontrar um para nós.

Visto que estavam tentando manter o elemento surpresa, Ros e Sam evitavam pedir minha ajuda e, por isso, acabaram procurando um cachorro em um abrigo que eu não conhecia. Por ser cientista canino, que se especializou em estudar o comportamento dos cães, conduzi pesquisas em muitos abrigos diferentes nesta região da Flórida. Mas meus colegas e eu não fomos a essa associação em particular, porque muitos de seus residentes têm sérios problemas de comportamento e considerávamos muito arriscado para os jovens estudantes, que nos ajudavam a conduzir os experimentos. Qualquer cachorro que tivesse entrado nesse abrigo com a compreensão de como comunicar suas intenções gentis para as pessoas já tinha encontrado um lar há muito tempo. Assim, o abrigo — um estabelecimento que não os sacrifica — foi, praticamente, abandonado com uma população de cachorros que não sabia como se comportar da maneira que os humanos dese-

javam. Quer fossem ou não realmente perigosos, claramente esses pobres animais não tinham ideia de como demonstrar para as pessoas que seriam bons companheiros.

Essa triste situação se apresentou mesmo antes de entrarmos no abrigo. O bloco principal do canil era tão barulhento que era possível ouvir a cacofonia de latidos do estacionamento. Assim que encontrava os cães, eles exibiam comportamentos que pareciam o oposto de boas-vindas. Meus colegas e eu tínhamos o maior respeito pela missão desse abrigo e por sua recusa em praticar a eutanásia em qualquer animal que passasse pelas suas portas. No entanto, não sentíamos que poderíamos realizar nossa pesquisa ali, somente por preocupação pela segurança de nossos estudantes. Assim, eu não teria pensado em procurar um cachorro neste local, se fosse o responsável pela busca — o que, felizmente, não fui.

Na véspera da nossa visita, Ros e Sam fizeram um tour de reconhecimento no abrigo — e estavam ansiosos para voltar, por uma simples razão. Por pura sorte, um dia antes da visita de minha esposa e meu filho, o abrigo tinha acolhido um novo filhote. Esse cachorro ainda estava em um lugar mais calmo (se bem que ainda era muito barulhento), na seção de quarentena do abrigo e não tinha ainda sido colocado no bloco principal do canil.

Ros e Sam chegaram em casa bem animados com o pequeno cachorro preto que tinham encontrado. No dia seguinte, perplexo por eles terem, aparentemente, descoberto um animal que parecia bem gentil naquele abrigo, que eu conhecia apenas como um depósito de cães que cumpriam prisão perpétua, fomos juntos conhecer Xephos.

Ela era uma pobre coisinha tímida. Tinha cerca de doze meses quando a encontramos, mas parecia bem mais nova. Ao contrário dos outros cães daquele espaço onde estava, ela mais choramingava do que latia quando chegamos, e, assim que a tiramos do canil, rolou de costas e fez um pouco de xixi em si mesma, no desespero de comunicar sua deferência por nós. Ela mantinha a cauda enfiada entre as patas traseiras o mais apertada que um cachorro pode manter. Ela lambeu nossas mãos e, quando abaixamos até sua altura, quis lambe nossas bocas. Ela empregou todas as ferramentas do comportamento canino projetadas para demonstrar respeito e o desejo de forjar um vínculo emocional. Ela parecia estar dizendo, com o

máximo de poder que conhecia: “Eu sou sua cachorra. Leve-me para casa e eu o amarei fielmente.” Foi um argumento convincente e nós a aceitamos imediatamente.

Depois, soubemos que Xephos tivera um primeiro ano de vida difícil. Ela nasceu em outro abrigo da cidade. Sua mãe havia sido abandonada grávida e a ninhada pegou todos os parasitas que estavam por perto. Com o tempo, Xephos se tornou saudável e encontrou um lar humano. Mas sua primeira família resolveu não ficar com ela. Então, Xephos acabou indo para outro abrigo, sozinha, aterrorizada e desesperada por uma segunda chance.

Nesta altura, eu já sabia o suficiente sobre cães em abrigos para entender que a história de Xephos, infelizmente, era comum e que a grande maioria dos cães que acaba sem lar não têm culpa. Mas, depois que a levamos para casa, não pude deixar de observar e esperar para ver qual mau hábito indesculpável Xephos poderia ter que ocasionasse seu abandono por sua primeira família humana. Nunca aconteceu nada. Foi a primeira das muitas surpresas agradáveis que essa pequena criatura extraordinária nos traria — e das muitas lições que me ensinaria.

Enquanto escrevo este livro, Xephos está com cerca de oito anos. Ela continua tão charmosa e de fácil convivência como era quando a vimos pela primeira vez — talvez até mais do que antes. Gradualmente, ao longo de suas primeiras semanas conosco, ela foi perdendo a timidez e uma personalidade forte e feliz foi tomando o seu lugar. Apesar da cor preta, ela ilumina qualquer lugar em que esteja. Não é mais um filhote tímido com a cauda enfiada entre as patas; atualmente, é pouco provável que uma pessoa de fora veja esse apêndice canino de outra forma que não em uma posição reta e orgulhosa. Ela é uma figura com personalidade tão marcante que às vezes me surpreendo com o quanto ela é pequena fisicamente. É sempre a primeira a cumprimentar as pessoas na porta, late muito quando escuta os passos de alguém se aproximando e tocando a campainha, depois chora com prazer quando a porta é aberta para alguém que ela conhece. Ela também conhece o som dos carros dos seus melhores amigos e chora em vez de latir à medida que se aproximam da porta.

Em tudo o que ela faz com as pessoas, Xephos irradia afeição. Mesmo sabendo o que sei hoje sobre a razão de seu companheirismo, não consigo deixar de me admirar com isso. Mas quando a trouxemos para casa, sua natureza afetiva não fazia tanto sentido para mim — era quase um milagre — quanto faz hoje.

Obviamente, eu já tinha convivido com cães antes e sabia o quão calorosa poderia ser sua resposta à nossa espécie. E, ainda assim, como cientista que estuda o comportamento dos cães, eu não tinha um quadro de referência para este aparente aspecto emocional da vida dos cães. A ideia de que os cães eram capazes de amar — ou, na verdade, de sentir qualquer emoção — era, na época em que encontramos Xephos, um anátema para psicólogos caninos como eu. Na verdade, estava tão fora dos temas de discussão científica sobre cães que nem me ocorreu pensar nisso.

No entanto, nessa altura da minha vida profissional, eu também tinha começado a questionar outras ideias preconcebidas sobre a capacidade cognitiva dos cães. Em pouco tempo, esse ceticismo me levaria a uma crise de consciência sobre a vida interior dos cães e o que faz deles o que são. Este equacionamento, por sua vez, me levou a uma jornada de descobertas que, fundamentalmente, mudou minha relação com os cães — não apenas com Xephos, mas também com aqueles cachorros infelizes ainda presos em abrigos e toda a surpreendente espécie, ao mesmo tempo familiar e incompreendida, da qual eles fazem parte.

Xephos entrou em minha vida em um ponto crítico de meu pensamento sobre cães. Eu estava lutando para harmonizar minha pesquisa científica sobre a cognição canina com um conjunto de ideias sobre a razão do sucesso dos cães na sociedade humana, o qual tinha se tornado amplamente aceito na época em que Ros, Sam e eu trouxemos Xephos para casa, em 2012. Essas ideias, supostamente, explicavam os fundamentos das relações como a que estávamos iniciando com o pequeno membro peludo da família.

No final da década de 1990, quando parecia que os pesquisadores tinham quase que inteiramente esquecido os sujeitos dispostos que ficavam deitados a seus pés, dois cientistas reacenderam o interesse pela psicologia

canina, propondo, independentemente, uma nova forma de compreender essa espécie e essa relação especial com os humanos. Ádám Miklósi da Eötvös Loránd University, em Budapeste, Hungria, e Brian Hare, na época estudante da Emory University, em Atlanta, Geórgia (hoje, professor na Duke University, na Carolina do Norte), vieram de experiências completamente diferentes, mas acabaram chegando à mesma conclusão: que os cães possuem uma forma única de inteligência que lhes permite conviver com as pessoas de maneira que nenhum outro animal consegue.

No início, Hare estava investigando não a inteligência social dos cães, mas a dos chimpanzés. Como eles são nossos parentes mais próximos no reino animal, os chimpanzés são uma espécie imprescindível para quem procura entender o que torna a cognição humana única. Hare estava fascinado com o antigo enigma sobre o que faz os humanos se destacarem no reino animal. Pelo menos desde Darwin, os cientistas têm lutado para descobrir qual é a distinção entre a mente humana e as das outras espécies. Uma abordagem típica para essa questão é a seguinte: se pensa que encontrou alguma coisa que apenas os humanos podem fazer, teste os chimpanzés; se eles não conseguem fazer, é improvável que qualquer outra espécie menos intimamente relacionada aos humanos possa fazer também.

Na época, Hare estava fazendo testes de uma habilidade que parecia ser muito simples para nós, humanos. Se eu sei, mas você não sabe, onde está escondido algo que você quer, então eu posso comunicar a localização para você apontando-a com a mão. Hare queria saber se isso era uma forma exclusivamente humana de compreensão social ou se os chimpanzés poderiam também entender as implicações de um gesto básico de apontar.

O experimento de Hare era simples. Ele colocava dois copos virados para baixo e, usando uma tela, através da qual o chimpanzé não conseguisse ver, escondia um pouco de alimento embaixo de um deles. Então, depois de retirar a tela, Hare apontava para o copo com o alimento escondido. Se o chimpanzé o escolhesse, indicaria que ele compreendeu o significado do gesto humano.

O que foi verificado é que os chimpanzés de Hare escolhiam o copo, em sua maioria, ao acaso. Mesmo parecendo simples, era difícil para eles compreenderem a tarefa.

Hare pensou que o fracasso dos chimpanzés era estranho, porque ele tinha certeza de que seu cachorro em casa podia facilmente ter sucesso nessa tarefa. Mas quando disse isso para Michael Tomasello, seu mentor, Tomasello lhe garantiu que não havia qualquer possibilidade de cães com cérebro de ervilha terem sucesso no que os chimpanzés falharam.

E, então, quando ele ficou em casa com seu cachorro de infância, Oreo, Hare se viu na garagem dos pais com dois copos virados no chão, um de cada lado e ele no meio. Seu cachorro esperava pacientemente, enquanto Hare escondia um pouco de alimento embaixo de um dos copos e fingia esconder um pouco também embaixo do outro. Depois ele apontou para o copo com o alimento e Oreo, sem qualquer hesitação, trotou direto para o copo certo.

Hare estava convencido de que seu cachorro não estava apenas farejando onde o alimento estava escondido. Afinal, Oreo não sabia para onde ir quando Hare ficava entre os dois copos sem apontar para nenhum. Parecia realmente que Oreo era capaz de entender o gesto de apontar de Hare — e, assim, o animal de estimação de cérebro pequeno da família tinha sido bem-sucedido no que os parentes mais próximos dos humanos com cérebro muito maior, os chimpanzés, tinham falhado.

Depois disso, Hare foi a um santuário de lobos em Massachusetts e aplicou um teste semelhante a vários lobos criados por humanos. Todos os cães são descendentes dos lobos, por isso, ao testar seus parentes selvagens, Hare estava verificando se a capacidade dos cães de serem bem-sucedidos nessa tarefa era algo que tinham herdado de seus ancestrais ou uma capacidade que tinha surgido, pela primeira vez, na evolução dos cães.

Os resultados do estudo de Hare com os lobos indicaram que os cães são, verdadeiramente, muito especiais a este respeito. Ele descobriu que os lobos, ao contrário dos cães, não tinham ideia do que o gesto de apontar significava. Quando confrontados com o gesto de apontar de Hare, os primos selvagens dos cães ficaram tão perdidos quanto os chimpanzés.

Do outro lado do mundo, o cientista húngaro, Ádám Miklósi, estava conduzindo, de forma independente, exatamente o mesmo experimento de Brian Hare — e produzia os mesmos resultados. Enquanto o caminho de Hare para estudar os cães poderia ser chamado de “abaixo dos macacos”, o

de Miklósi poderia ser chamado de “acima dos peixes”. Miklósi se qualificou na Hungria como etólogo — um cientista que pesquisa o comportamento animal em seu habitat — e, inicialmente, no laboratório em que trabalhava, ele estudava pequenos peixes. Mas, em meados dos anos de 1990, seu diretor resolveu que já era tempo de investigar um animal de relevância mais direta para a vida de muitas pessoas, e foi assim que Miklósi começou a estudar os cães em vez de peixes. Seu grupo de estudo estava interessado em saber se cães e humanos tinham evoluído psicologicamente e comportamentalmente para se compreenderem. Sem saber o que Hare e Oreó estavam fazendo em Atlanta, Miklósi e seus alunos, de forma independente, passaram pelo mesmo processo em Budapeste. Primeiro, fizeram experimentos para verificar a capacidade dos cães de seguir gestos de apontar das pessoas e concluíram que eles foram muito bem-sucedidos. Depois, criaram alguns filhotes de lobos em suas casas em Budapeste e descobriram que os lobos não conseguiam seguir os gestos com as mãos para encontrar o alimento.

Após analisar esses estudos e outros, Hare concluiu que os cães têm predisposição genética, transmitida ao longo dos milhares de anos que viveram entre pessoas, para entender suas intenções comunicativas e compreender um pouco da inteligência social humana. Essa capacidade, defende Hare, é o direito nato de todo cachorro e se desenvolve espontaneamente em cada um deles, mesmo sem ter qualquer experiência com pessoas e com o que fazemos. Hare não negava que poderia ser possível, com treinamento exaustivo, ensinar membros de outras espécies a simular o comportamento que os cães podem ter, mas, na opinião de Hare, somente os cães *nascem* compreendendo as pessoas desta forma, o que é a diferença crucial entre eles e todos os animais não humanos do planeta.

Quando Hare publicou suas conclusões em 2002, fiquei muito empolgado — e me encontrava também em um ponto da minha carreira em que estava pronto para ser energizado por algo novo. Naquele ano, eu tinha chegado nos Estados Unidos como *professor júnior* no departamento de psicologia da Universidade da Flórida. Eu tinha passado a década anterior na Universidade da Austrália Ocidental, onde havia estudado o comportamento dos marsupiais, como o dunnart-de-cauda-grossa — um animal-

zinho lindo, parecido com rato e com menos de 2g de tecido cerebral, mas que aprende muito rápido¹. A mudança para a Flórida foi emocionante, mas significou meu afastamento dos marsupiais que me fascinavam. Eu ainda não tinha pensado em voltar minha atenção aos cães, mas, à medida que lia a pesquisa de Hare, fiquei fascinado pela ideia de que um canídeo sem nenhum dom especial no departamento cerebral tinha adquirido formas de cognição que eram, por algum motivo, apenas conhecidas por nossa própria espécie, notoriamente cerebral.

A pesquisa de Hare começou a aparecer na literatura científica mais ou menos na mesma época dos primeiros trabalhos que apresentaram análises genéticas do DNA dos cães. A contribuição dos geneticistas trouxe uma camada adicional interessante de complexidade às discussões sobre o que tornou os cães singulares.

Geneticistas estimam a idade de uma espécie comparando seu material genético com os de espécies estreitamente relacionadas, e estudos feitos na Suécia, China e Estados Unidos deixaram claro que o processo de domesticação que criou o cão foi, pelos padrões evolutivos, extremamente rápido. Em vez de milhões dos anos necessários para uma mudança notável em espécies de vida longa e relativamente grandes, como o ancestral imediato dos cães, o lobo, os cães surgiram em cena em, no máximo, poucas dezenas de milhares de anos. Os lobos, normalmente, procriam somente uma vez por ano e só alcançam a maturidade sexual no segundo ano de vida. Isso pode parecer um tanto jovem para nós, mas, comparado com a maioria dos animais, é um ciclo de vida bem lento. A velocidade da evolução está, necessariamente, ligada a quanto tempo leva para os indivíduos produzirem a geração seguinte da sua espécie, então, um animal que produz uma nova geração apenas a cada dois anos deveria evoluir muito lentamente.

Essas duas linhas paralelas de pesquisa se entrelaçaram na minha mente. Se os cães foram realmente abençoados com uma capacidade única de compreender os humanos, como Hare defendeu, então eles devem ter adquirido esse poder em um piscar de olhos da evolução. Como, comecei a me perguntar, eles poderiam ter adquirido essa capacidade tão rapidamente?

Assim que essa questão foi tomando forma em minha mente, a estudante perfeita chegou para me ajudar a respondê-la. Monique Udell tinha

formação em psicologia e em biologia e uma tremenda capacidade de trabalhar arduamente. Essencialmente, ela também estava disposta a correr o risco de fazer doutorado com um orientador que queria pesquisar uma espécie que nunca tinha estudado antes. Trabalhando juntos, eu e Monique começamos a explorar as implicações dessas novas e excitantes descobertas sobre a evolução e a cognição caninas.

Começamos repetindo o experimento do gesto de apontar de Miklósi e Hare com alguns cães de estimação em suas casas. Foi muito fácil de fazer e os resultados do nosso estudo coincidiram exatamente com os de Hare e Miklósi: os cães de estimação são realmente sensíveis às ações e intenções humanas. Nós escondíamos alimento embaixo de um dos dois recipientes no chão e, quando Monique apontava para o que tinha alimento escondido, os cães iam, precisamente, para o recipiente correto. Era como se tivessem lido os trabalhos científicos também.*

Embora tenhamos encontrado resultados que correspondiam exatamente com o que Hare e Miklósi tinham dito sobre os cães, não tínhamos respondido nossa maior questão: o que, na verdade, levou à rápida evolução da capacidade dos cães de compreenderem os gestos humanos? Como os cães adquiriram essa habilidade?

No momento em que eu e Monique voltávamos nossa atenção para esse problema, uma oportunidade de pesquisa se apresentou na forma de um convite dos administradores do Wolf Park, uma instalação de pesquisas em Indiana. Eles queriam que fizéssemos testes com seus lobos.

Não foi por ser uma pessoa com grande coragem física que fui atraído pela vida de professor de universidade, por isso, não tenho vergonha de admitir que senti uma certa tremedeira ao entrar no prédio de instrução de Wolf

* Você pode, facilmente, tentar fazer isso com seu próprio cachorro. É provável que funcionará melhor se tiver um amigo que possa segurar o cão, enquanto você põe alimento em um dos recipientes. Alguns cães ficam meio receosos de derrubar os copos de plástico para ver o que tem embaixo, mas o estudo funcionará da mesma forma se não houver alimento embaixo de nenhum copo. Apenas ponha um pouco em cima de um recipiente para o qual apontou, depois que o cão fizer sua escolha. Você descobrirá que, na maioria das vezes, seu cachorro irá para o local que apontar.

Park para ouvir a curadora-chefe, Pat Goodman, proferir a palestra obrigatória sobre segurança com os lobos.

As regras de convivência com os moradores do Wolf Park são bem claras. Não se deve olhar diretamente para um lobo, mas também não se deve tirar os olhos dele nem por um momento. É importante não fazer qualquer movimento repentino, mas também é importante não ficar parado com as mãos penduradas inutilmente ao seu lado. Pat explicou, o que não foi exatamente reconfortante, que, se ficar imóvel, os lobos podem confundir-lo com um brinquedo de morder. Mas, e Pat deixou bem claro, o mais importante é não tropeçar em um tronco ou em uma toca de coelho. Aparentemente, é muito difícil tirar um lobo de cima de alguém.

Completamente perturbado com esse resumo de uma hora das coisas ruins que um lobo cinzento de 90kg pode fazer com um frágil professor de psicologia, eu estava, finalmente, pronto para conhecer os sujeitos da minha pesquisa. Estava na hora de nos encapotar contra o dia frio de setembro e ir para o recinto dos lobos.

Wolf Park é um oásis em um território agradavelmente ondulado das vastas planícies da região central de Indiana. Até a entrada do parque, não há nada além de planícies, mas o terreno em que ele fica oferece uma pausa bem-vinda na topografia, um riacho, alguns cantos arborizados e um lindo e grande lago para os lobos brincarem. Como um dos poucos trechos arborizados entre milhares de acres com plantações de soja e milho, o parque também funciona como refúgio de pássaros, que acrescentam uma trilha sonora feliz à bela cena. De fato, é um lugar lindo — mas preciso confessar que não tenho certeza do quanto disso notei na nossa primeira visita. Na maior parte do tempo, fiquei concentrado nos grandes carnívoros em cuja casa eu estava para entrar.

O momento da verdade — e do terror — finalmente chegou, quando Monique e eu entramos no recinto dos lobos. Assim que passei pelo portão da grade de metal, um dos lobos mais velhos, Renki, saltou em mim. Antes que eu pudesse tirar as mãos de dentro dos bolsos, ele lançou suas patas nos meus ombros.

Tive tempo de pensar: “Até logo, mundo belo”, antes de Renki lambe, vigorosamente, minhas duas bochechas.

Em um instante, soube como é a aceitação em uma matilha de lobos e devo dizer: o alívio que senti não foi pouco. Fiquei por ali um pouco mais, conhecendo meus novos amigos de matilha e objetos de pesquisa. Finalmente, assim que me senti razoavelmente confortável em meio aos lobos e ficou claro que eles não estavam ressentidos com minha presença, comecei a fazer o teste, que foi o que me levou ao Wolf Park.



A iniciação do autor na matilha de Wolf Park

Monique e eu fomos convidados para ir ao Wolf Park porque os funcionários de lá tinham ouvido falar sobre a nova pesquisa dos laboratórios de Brian Hare e Ádám Miklósi. Especificamente, eles tinham tomado conhecimento — e questionado — as alegações de que os cães têm uma capacidade única para compreender as ações humanas: uma capacidade que, de acordo com Hare, eles não compartilham com mais nenhum animal, incluindo os lobos.

Deve haver apenas algumas pessoas no planeta com uma compreensão mais sutil do comportamento dos lobos do que os funcionários e voluntários do Wolf Park. Desde 1974, eles criam filhotes de lobos, fazendo o papel dos pais e os educando para que os animais selvagens aceitem as pessoas como companheiros sociais. A curadora-chefe, Pat Goodman, e o fundador do Wolf Park, Erich Klinghammer, aperfeiçoaram as técnicas que envolvem manter a “mãe” humana com os filhotes por 24 horas, 7 dias por semana nas primeiras semanas de vida, assim, os lobos crescem vendo pessoas ao seu redor como parte da malha social de suas vidas. Pat e muitos dos colaboradores do parque também têm cães em casa, dessa forma, eles passam o dia trabalhando com lobos e, em casa, no descanso, ficam com cães — um esquema que proporciona a todos uma visão bem fundamentada das semelhanças e diferenças entre lobos e cães domesticados.

Foram essas pessoas, com essa visão bem fundamentada sobre cães e lobos, que fizeram o primeiro contato comigo sugerindo que Hare e Miklósi estavam errados. Os funcionários do Wolf Park tinham a nítida impressão de que os lobos, com quem passavam o dia todo, eram tão sensíveis às coisas que as pessoas faziam como os cães que encontravam em casa todas as noites.

Hare e Miklósi conduziram estudos distintos com lobos para testar exatamente essa questão, e é claro que eles chegaram à conclusão, de forma independente, de que os lobos são incapazes de compreender os gestos humanos. Eu não tinha nenhuma razão em especial para não confiar em suas descobertas, principalmente porque elas tinham origem em laboratórios independentes de lados diferentes do Atlântico. Mas, no mínimo, pensei que seria divertido eu mesmo tentar a experiência com os lobos. O ceticismo do pessoal do Wolf Park despertou minha curiosidade também. Seria possível que os lobos dos estudos de Hare e Miklósi — criados por humanos em um santuário em Massachusetts e em um monte de moradias em Budapeste, respectivamente — não fossem representativos da espécie como um todo?

Nunca tinha visto um lobo tão de perto assim, e fiquei extremamente impressionado com seu poder assustador e com sua aparente inteligência. Os lobos eram do tamanho de cães grandes — imediatamente pensei em raças de porte gigante como o wolfhound irlandês. Mas, ao contrário dos

cães grandes, os quais tendem a ter reações lentas, os lobos cinzentos são rápidos. Muito rápidos. Se um coelho aparece no recinto deles, *bam* — eles o pegam num instante. Matam como profissionais, um ato calculado e sem remorso.

Tão marcante quanto a sua letalidade é a sua sociabilidade. O comprometimento dos lobos uns com os outros e com as pessoas que conhecem bem é rico e emocionante de observar. Seus olhos âmbar-dourados parecem brilhar com forte presença no momento. Eu me senti muito privilegiado por ser aceito em suas vidas.

Eu também reconheci que prudência era a melhor parte do valor científico. Depois de conversarmos com os funcionários, ouvirmos a palestra sobre segurança e nos aventurarmos no recinto dos lobos para nossa apresentação, Monique e eu optamos por não forçar nossa sorte. Saímos do recinto e deixamos que as pessoas mais familiarizadas com os animais conduzissem para nós a primeira etapa dos experimentos do gesto de apontar. Em vez de manipular copos com alimento e fazermos gestos de apontar, gritávamos instruções para três funcionários do Wolf Park, que realizariam os testes. Todos concordamos que assim seria mais seguro e mais provável que a verdadeira capacidade dos lobos se revelasse. Esperávamos que, com o tempo, depois que os lobos estivessem mais confortáveis conosco, Monique e eu pudéssemos cuidar de alguns desses trabalhos pessoalmente — mas, naquela primeira visita, queríamos melhorar nossas chances de sucesso, deixando os lobos, quase sempre cautelosos diante de estranhos, trabalharem com pessoas que conheciam bem.

Alguns estagiários nos ajudaram a limpar um recinto sem uso, cheio de entulho, e, um a um, os lobos eram trazidos para serem testados. Pat Goodman e dois outros funcionários se revezavam na execução de três funções: ficar entre dois recipientes e apontar para um deles, ficar a cerca de três metros para fazer o lobo voltar para a posição inicial, após o término de cada teste, e simplesmente ficar por ali para se certificar de que todos estavam em segurança. Eu e Monique dávamos instruções pela grade e fornecíamos pequenos pedaços de linguiça, os quais eram dados pelos nossos intrépidos colaboradores como recompensa aos lobos pelas escolhas corretas e para persuadi-los a voltar à posição inicial após cada teste ter sido executado.

Demorou um pouco para avançar, mas, depois que tudo e todos estavam em seus lugares e o estudo foi iniciado, rapidamente eu e Monique ficamos muito surpresos: o lobo era tão bom nessa tarefa quanto os cães que tiveram o melhor desempenho.

Em um instante, nossa pesquisa tinha complicado imensamente o que parecia ser uma distinção inequívoca entre as capacidades cognitivas de cães e lobos. Para um cientista como eu, que vive revirando pedras para ver o que tem escondido, e cujo mundo gira em torno de descobrir questões que precisam ser respondidas, momentos como esses são uma emoção rara. Por coincidência, o dia em que chegamos ao Wolf Park era meu aniversário e essa descoberta foi, de longe, o presente mais memorável que eu já recebi — além de Xephos, é claro.

Uma vez superada a excitação inicial desse resultado surpreendente, conduzimos o mesmo experimento com diversos lobos do parque. Descobrimos o mesmo padrão de comportamento repetidas vezes. Esses lobos podiam seguir gestos humanos de apontar tão bem quanto qualquer cachorro.

Em nosso retorno à Flórida, eu e Monique refletimos sobre as possíveis razões da discrepância entre nossas observações e a teoria da “genialidade” inata dos cães de Brian Hare. Sabíamos que a genialidade — ou seja lá como queiram chamar a notável sensibilidade dos cães às pessoas — não pode ser atribuída somente à herança evolutiva dos nossos cachorrinhos. Certamente, a evolução (e neste caso especial de evolução chamamos de domesticação) é um fator inegavelmente importante, mas há outro componente subjacente a tudo o que um animal faz, um que compartilha um papel igualmente importante para determinar se cães, ou lobos, podem compreender as intenções nos gestos humanos: e isso é criação, não natureza.

A evolução é o desdobramento da seleção natural, o processo pelo qual as espécies mudam, porque os organismos dos indivíduos nascem com diferentes conjuntos de características genéticas, que permitem que uns sobrevivam melhor do que outros e grem mais descendentes na geração seguinte. Ao longo de inúmeras gerações, algumas características são selecionadas e transmitidas, colorindo a compleição de uma espécie inteira

com seu próprio caleidoscópio de características únicas — entre elas as peculiaridades anatômicas e cognitivas (como a inteligência) que estabelecem as bases para os comportamentos típicos da espécie.

A domesticação é um caso especial de evolução, cujos mecanismos têm sido objetos de debates. Darwin, que apresentou ao mundo o conceito de evolução, acreditava que os animais foram domesticados quando as pessoas selecionaram os animais que eram mais úteis para elas. Com o tempo, teorizou Darwin, essa prática daria origem a uma espécie totalmente nova. Ele chamava esses processos de domesticação de seleção *artificial* — em contraste à seleção *natural*, que é o termo que ele cunhou para o que acontece quando as forças da natureza decidem quem vive e quem morre. Hoje, não estamos tão certos de que toda essa história da domesticação possa ser atribuída à nossa própria espécie: parece mais provável que uma grande parte da domesticação foi, na verdade, seleção natural. Quer seja devido à seleção natural ou artificial, contudo, a domesticação é uma forma de evolução — um processo por meio do qual os animais mudam ao longo de gerações devido à seleção de alguns indivíduos para sobreviverem, prosperarem e transmitirem seus genes.

Mas a evolução por si só não pode criar um animal companheiro e amistoso para uma casa humana. A seleção natural e a artificial podem agir nas bases do comportamento típico do animal e da sua inteligência, mas a evolução nunca pode explicar plenamente o excepcional conjunto comportamental e cognitivo (o que sempre pensamos como “personalidade”) de um determinado cão. Isso porque, embora a evolução estabeleça o plano para um ser vivo, ela não pode controlar como esse plano será compreendido. Cada animal, em especial, é criado a partir de informações genéticas elaboradas pelas experiências específicas vividas pelo indivíduo à medida que se desenvolve. Consequentemente, a evolução por si só não pode tornar um cão amistoso.

Assim como as pernas, que nos dão a capacidade de caminhar, fazem parte de nossa herança evolutiva, também fazem parte as estruturas do nosso cérebro que dão origem às nossas personalidades. E o que é verdade para nós é igualmente verdade para nossos cachorros: eles herdaram as estruturas cerebrais que os preparam para entrar na relação com as pessoas. Mas o fato de minha cachorra ter uma relação comigo e ser sensível às ações das

peçoas que fazem parte da vida dela não é só consequência da evolução da sua espécie, isso depende também de ela ter crescido em um mundo que lhe deu oportunidades para desenvolver as qualidades que a define como um indivíduo.

Em resumo, a experiência é o outro fator que molda as ações e as mentes dos cães. Fica óbvio, quando pensamos sobre isso: afinal, nenhum filhote de cachorro, de gato ou de qualquer outra espécie domesticada nasce manso. A mansidão tem de ser aprendida por cada indivíduo ao longo da vida. O filhote mais fofinho vai crescer e ser um animal selvagem se logo no início da vida não for apresentado às pessoas. (Na década de 1960, foram feitos experimentos que estabeleceram exatamente isso. Em um laboratório em Bar Harbor, no Maine, John Paul Scott e John L. Fuller criaram filhotes de cães sem qualquer contato com seres humanos nas primeiras quatorze semanas de vida. Depois, quando testaram os cães adultos, relataram que eram “como animais selvagens”², e não podiam chegar próximo deles.)

Os biólogos chamam a nossa história evolutiva de filogenia e a nossa história de vida pessoal de ontogenia. Uma evidência da biologia e da psicologia é que cada um de nós é produto da nossa filogenia e ontogenia combinadas. Nenhum de nós seríamos tão lindos, espertos e charmosos — sem esquecer de modestos — como todos nós somos, sem dúvida, se não tivéssemos uma história evolutiva que preparou o palco para nossas experiências de vida que, por sua vez, moldou nossos caracteres na forma invejável que agora têm. O mesmo se aplica aos cães. Cada um tem a sua personalidade — que, em caninos afortunados, os faz excepcionalmente adequados para companhia humana, com todas as suas vantagens correspondentes — somente por causa da rica interação entre sua herança genética e o mundo em que eles cresceram.

A ideia de que o comportamento e a inteligência dos cães resultam tanto da domesticação como da experiência parecia muito incontroverso para mim e Monique, quando a víamos à luz desses princípios científicos básicos, mas ela tinha se tornado fundamento para uma espécie de conflito no campo emergente da cognição canina, um conflito em que eu e Monique, inconscientemente, acabamos nos deparando. De um lado estavam cientistas como Hare e Miklósi, que argumentavam que a capacidade dos cães de compreender os seres humanos se devia a uma capacidade cogni-

tiva evoluída única — parte do direito inato de todos os cães e não dependia de nenhuma experiência de vida em particular. De outro lado, estavam cientistas, como eu e Monique, que acreditam que as experiências de vida pertinentes, bem como herança genética, eram a chave para dar aos cães a capacidade de serem companheiros das pessoas.

Pela nossa recusa em aceitar a ideia de que os cães, como consequência direta do processo evolutivo de domesticação, nasciam com a capacidade de reconhecer o significado das coisas que as pessoas fazem, tivemos que fazer o papel de behavioristas estraga-prazeres. Depois que publicamos os resultados de nosso estudo em Wolf Park, um jornalista me chamou de “Debbie Downer”^{3**} da pesquisa de cognição canina. Essa doeu.

Tive de pensar em como eu tinha chegado a essa situação. Como eu, alguém que se importava profundamente com a mente dos animais e que tinha devotado minha vida a estudá-los, desenvolveu essa reputação negativa de alguém que *duvida* de sua cognição? Eu me senti incompreendido e magoado por minha afinidade com os cães ter me colocado na posição de parecer depreciá-los.

Hoje, entendo como, para pessoas que não me conhecem, parecia que eu estava dizendo que não havia nada de notável nos cães. Mas não estava tentando negar que eles tinham algo especial. Muito pelo contrário, na verdade, desde o início, o que me atraiu a eles como objeto de pesquisa foi a relação singular dos cães com os humanos. Tal como os membros do Wolf Park, que amam os cães, eu não precisava ir muito longe da minha sala de estar — onde Xephos ficava sempre ali acomodada no sofá ao meu lado, me fazendo companhia enquanto eu lia os últimos artigos científicos e da imprensa popular, acompanhando o crescente furor sobre minha pesquisa e de Monique — para encontrar inspiração e motivação para meu trabalho diário.

Cães são únicos: sobre isso, não havia dúvidas. Eu estava cético sobre a teoria dominante sobre o que os tornava tão especiais. Como cientista, estava disposto a usar o rótulo de “Debbie Downer” como uma insígnia de

** Nota da Tradutora: Debbie Downer é o nome de um personagem fictício e caracteriza-se por uma pessoa que diz algo terrivelmente deprimente e, assim, destrói a atmosfera positiva.

orgulho. Não ia deixar que me pressionassem a aceitar uma visão dos cães com a qual eu não concordava. Como amante de cães, no entanto, eu estava determinado a chegar ao fundo do que torna os cães singulares. Enquanto aprendia mais sobre a cognição dos cães e suas vidas na sociedade humana, eu estava começando a perceber que o debate que envolvia essa área não era apenas argumento acadêmico. Havia muita coisa em jogo, sobretudo, para os próprios cães.

Além de testar a capacidade de seguir gestos humanos em cães de estimação e lobos, eu e Monique — com Nicole Dorey, outra boa amiga e colaboradora — tentamos exatamente o mesmo teste em um abrigo de animais próximo à nossa base em Gainesville, Flórida. E os resultados não foram nada bons.

Nem um único cão do abrigo que participou desse experimento compreendeu o que implicava o gesto diante de um recipiente com alimento. Todos olharam de modo vago para Monique, enquanto ela permanecia entre os dois recipientes esperando que o cão fizesse a escolha certa. Ou o cachorro vinha para perto e se sentava diante dela, aparentemente, pedindo, do jeito mais fofo que podia, pelo petisco que ele sabia que ela tinha, ou simplesmente se afastava procurando algo melhor para fazer.

No início, pensamos que, talvez, esses cães tivessem algum trauma de suas interações anteriores com pessoas e não acreditavam que Monique estivesse fazendo algo gentil para eles. Mas, embora seja verdade que os abrigos têm muitos cães que se decepcionaram com nossa espécie e cuja confiança nos humanos foi traída, em nosso estudo selecionamos com muito cuidado os cães que, claramente, se mostravam animados por estar em companhia de humanos. Nós os tirávamos do canil, brincávamos com eles e oferecíamos petiscos bem superiores às rações que recebiam todos os dias. Honestamente, parecia que os cães com que Monique trabalhou não entendiam o que seus gestos significavam.

A teoria dominante sobre a singularidade dos cães tinha implicações sombrias para essas criaturas incompreensíveis. Se acreditássemos que todos os cães tinham capacidade inata de compreender as ações e intenções das pessoas, como Brian Hare e seus colegas defendiam, então os cães que